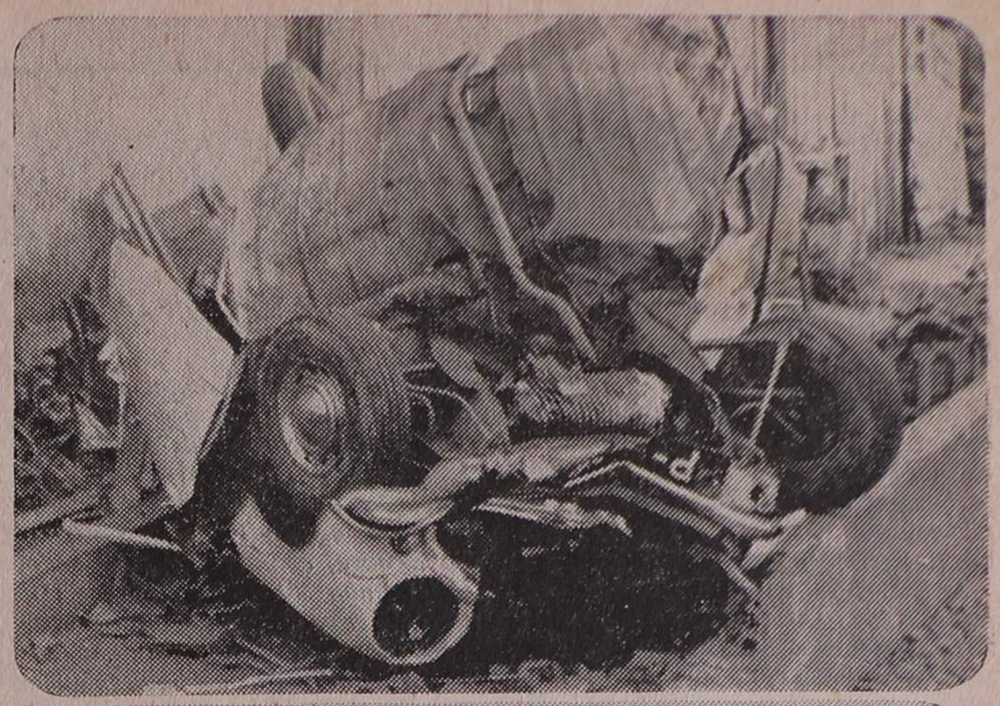
DE defesa de ESPINHO

DIRECTOR: AMADEU A. MORAIS — 11-2-77 — SEMANÁRIO — N.º 2340 — ANO 45 — PREÇO 4$00



AFASTAMENTO...

Areias doiradas,
mar azul ou verde,
a Terra se perde
nas horas paradas;
no sal diluído
que aos lábios se prende,
na paz que se estende
nos nossos sentidos;
na brisa-carícia
que o rosto nos beija,
no Sol que sobeja
na pele-malícia;
no odor que nos vem
das algas doridas,
nas vagas erguidas
pelo mar, além;
no vai-vem rendado
das calmas marés,
nas formas dos pés
sobre o chão beijado;
na prata que a Lua
na noite derrama,
na voz que nos chama
quando a praia é nua;
nos sonhos subtis
que as almas invadem,
na doce miragem
pintando perfis;
na Vida a dormir
sob o Céu estrelado,
no gume afiado
da Saudade, a abrir;
na visão-carinho
do meu vaticínio,
no Éden-Fascínio
da PRAIA DE ESPINHO!

ARTUR CÉSAR VALE REGO

1.º Prémio do Concurso de Poesia da Costa Verde 1976

MAIS UM!!!

No passado dia 3, mais um automóvel foi esmagado por um comboio na passagem de nível, sem guarda, do Bairro Piscatório. Dos destroços a que ficou reduzida a viatura saiu, com simples arranhões, o condutor, sr. Fernando Domingues da Silva, de 36 anos, casado, residente em Valadares. Que façam exame de consciência os responsáveis, que deviam existir dentro da CP, teimosamente apostados em protelar a resolução de tão evidente e criminosa ratoeira.

Fotografias gentilmente cedidas pelo «Jornal de Notícias».

I ENCONTRO DE TURISMO COSTA VERDE—GALIZA

Por iniciativa do Centro de Turismo de Portugal em Madrid e com a colaboração da delegação do Porto da Direcção-Geral de Turismo, efectuou-se no passado fim de semana, na Póvoa de Varzim, o I Encontro de Turismo Costa Verde-Galiza.

Teve este Encontro como objectivo debater vários problemas comuns às duas regiões de Portugal e Espanha, no que respeita ao fomento das suas potencialidades turísticas.

Nas várias intervenções foi posto em relevo que esta vasta região, rico em diferentes atractivos como sejam o património histórico, o folclore, o artesanato e a gastronomia, poderia vir a ser um ponto turístico de grande importância para o futuro dos povos destas duas zonas e uma vez que fossem encarados os problemas de transportes, melhores ligações rodoviárias e ferroviárias, alargamento do período turístico, etc.

Foram ainda abordados outros temas de interesse, como abolição de passaportes e salvo-condutos nas duas fronteiras, de modo a estimular a afluência recíproca de turistas.

Uma vez que a Costa Verde inclui, hoje, o vasto território compreendido pelos distritos de Viana do Castelo, Braga, Porto e Concelho de Espinho, estiveram presentes os governadores civis do Porto e Viana do Castelo, vários presidentes da Câmara, o cônsul de Espanha e o director do Centro de Turismo de Portugal em Madrid.

O Concelho de Espinho esteve representado pelo vereador do pelouro de turismo, sr. Manuel Veiga Ribeiro.

Finalmente, ficou resolvido que fossem criadas duas comissões: uma de honra constituída pelos governadores civis e presidentes da Câmara

(Continua na 2.ª pág.)

A ASSEMBLEIA MUNICIPAL TOMOU POSSE

Os cidadãos ecsolhidos para este Órgão do Poder Local, foram empossados, ficando assim constituído:

Avelino Ferreira Zenha — PS
Arménio Augusto Gomes — PS
Francisco Rodrigues da Silva — PS
António Fernando Madureira Gil — PS
Álvaro Matos Monteiro Mendes — PS
Rosa Maria da Silva Bastos da Horta Albernaz — PS
Antenor de Sá Pereira — PS
José Augusto Ferreira de Campos — PPD
António de Sousa Pinto de Oliveira — PPD
Manuel Couto Rodrigues da Silva — PPD
Vicente Alves Pinto Júnior — PPD
António José Fonseca Leitão — PPD
Joaquim Pinheiro de Moraes — FEPU
Jorge Manuel Pinto de Oliveira Carvalho — FEPU
Fernando Manuel Lima Soares da Silva — CDS
Narciso de Sousa Soares — CDS
Delfim José dos Santos — Presidente da Junta de Freguesia de ESPINHO
José Nogueira da Silva — Presidente da Junta de Freguesia de ANTA
Joaquim Moreira de Sá — Presidente da Junta de Freguesia de GUETIM
João Baptista Dias da Costa — Presid. da Junta de Freguesia de PARAMOS
Adão Rodrigues Pinto Loureiro — Presid. da Junta de Freguesia de SILVALDE

Depois do acto, falou o cidadão mais votado, por sinal o deputado à Assembleia da República, Avelino Ferreira Zenha.

A sessão foi encerrada peio Governador Civil aveirense, Dr. Costa Melo. No final da posse foi eleita a Mesa da Assembleia, que deu o seguinte resultado:

Presidente — Avelino Ferreira Zenha

Secretários — Rosa Maria da Sliva Bastos da Horta Albernaz e António Fernando Madureira Gil

A JUNTA AUTÓNOMA DE ESTRADAS E AS LIGAÇÕES MIRAMAR - MACEDA E ESPINHO - PICOTO

— Segundo comunicação ao Presidente da Câmara:

Exmo. Senhor

Confirmando as informações dadas telefonicamente e por escrito comunico a V. Ex.ª que o projecto do lanço da E.N. 326 entre Espinho e Picoto foi adjudicado ao Eng.º Alfredo Borges de Aguiar, devendo ser entregue para apreciação e aprovação em Agosto do corrente ano. Admite-se que o tempo necessário à apreciação e sua aprovação seja da ordem dos dois meses, estimando-se que a obra possa ser lançada no fim do ano ou princípios do próximo.

Quanto ao lanço da E.N. 109 entre Miramar e Maceda, também vai ser adjudicado à firma G.P.E. - Gabinete de Projectistas de Engenharia, Lda., que tem um prazo de 6 meses para realizar o estudo, pelo que se espera poder lançar a obra nos princípios do próximo ano.

Embora o tempo decorrido tenha sido longo, na verdade não foi possível encurtá-lo mais apesar de todo o esforço desenvolvido nesse sentido.

Esperamos que não surjam agora dificuldades que venham a comprometer a rápida execução das obras, o que só se antevê que possam vir a verificar-se relativamente às expropriações, em especial quanto a alojamentos de ocupantes de casas a expropriar. Contamos no entanto com a melhor colaboração de V. Ex.ª para a solução desses problemas se vierem a surgir.

Com os melhores cumprimentos.

(Ilegível)

OBJECTIVO ①

Porque é que quase durante todo este inverno, as lâmpadas dos postes colocados ao longo da estrada que liga Silvalde a S. Paio de Oleiros se têm mantido sempre apagadas? E é só no troço que pertence ao Concelho de Espinho, pois o que é do Concelho da Feira, isto é, a partir da «cova da mulher morta» as lâmpadas continuam a desempenhar o papel para que foram fabricadas: dar luz, para que os transeuntes possam ver um palmo diante do nariz. Porque da parte de Espinho nem o nariz se enxerga.

JANELA VERDE

Por A. TAVARES D'ALMEIDA

A Imprensa regional, *é o porta-voz mais esclarecido e autorizado que as localidades possuem, para defesa intransigente das mais prementes necessidades e bem estar dos seus povos, como fiel intérprete das suas carências e solicitudes.*

Como tal, deveria merecer maior atenção e respeito das entidades responsáveis, pois, só assim, se poderá construir aquele Portugal próspero que todos anseiam e estará, afinal, ao seu alcance, assim o povo entenda.

A «DE», atenta aos problemas locais (e não só), tem feito eco dos mesmos nas suas colunas, mas dá a impressão que a miopia é flagrante e sistematizada. Olhos que teimam em não ver e ouvidos de deficiente audição tornam em impasse e a estagnação continuará até que alguém emprenda um autêntico «volte-face» na maneira de ser ou agir de determinados sectores da vida nacional.

A C. P. é, e será, eternamente, tema de incontroversa prioridade na vida comunitária espinhense, sendo motivo de constantes reclamações por parte dos numerosos utentes, num país, onde se paga cada vez mais, e cujos serviços são cada vez mais péssimos e repugnantes.

Poderia narrar inúmeras peripécias que enchiam uma ou duas páginas deste pequeno jornal, mas isso pouco ou nada influiria na já «organizada desorganização» que, aos olhos de todos, apresentam os serviços da C. P.

Talvez seja oportuno perguntar-se, e obter a devida resposta pelo porta-voz da Companhia visada, sobre o conceito que fazem do público pagador e quais as regalias, afinal, que entendem que o mesmo deveria usufruir.

— Será abrigar-se os passageiros do mau tempo num apeadeiro de madeira como o de Silvalde (via larga), com o telhado praticamente destruído há meses pelo temporal?

— Será «largar» a choruda importância pelo bilhete e viajar tradicionalmente de pé, por exemplo, entre outros, no mini-comboio que sai de Aveiro com destino ao Porto, às 12,52 h. e atinge Espinho cerca das 13,49 h., quando esta composição se trouxesse mais uma carruagem não era demasiado, por ser utilizada diariamente por centenas de passageiros?

— Será de manter apenas uma bilheteira de serviço para o comboio citado, atingindo a «bicha» mais de vinte pessoas a escassos minutos da chegada do «trem», correndo o risco de ficarem em terra?

— Será de manter, eternamente, um mini-abrigo na linha 2, da Estação de Espinho, onde não cabem 20% dos normais passageiros?

— Será que o público não merece uma sala de espera franqueada e funcional, tanto na linha 1 como na linha 2, onde as pessoas de idade ou doentes, passariam a estar protegidas das inclemências do tempo que avassala a desprotegida gare da actual estação?

— Será que a cidade espinhense, onde se regista, diariamente, a todas as horas, em todos os tipos de comboios, desde o «tranvia» ao «foguete», um desusado movimento de passageiros, vai suportar toda esta gama de negligências que afectam o desenvolvimento citadino e, sobretudo, os interesses das «vítimas» pagantes?

— Será que, ainda, aquelas inadequadas e impróprias instalações a que chamam Estação de Espinho (via larga) e Espinho-Vouga (via estreita), vão continuar implantadas no centro da cidade por muito tempo?

A C. P. possui nas proximidades da Estação de Espinho-Vouga, uma imensidão de terreno devolutos, paralelos às vias larga e estreita, que vão desde a Avenida 8 à Rua 14, com uma amplitude que daria para construir uma desafogada e funcional estação de passageiros, a abranger as duas vias, numa completa comodidade para os passageiros, no que diz respeito ao transbordo entre a Linha do Norte e do Vale do Vouga.

No mesmo local, além da estação, daria ainda uma óptima gare coberta para estacionamento dos diversos autocarros da C. P., que, actualmente, utilizam a Rua 8 para o efeito e recolha de passageiros, os quais, sem um mínimo de comodidades, sem abrigos, socorrem-se dos beirais dos telhados das casas contíguas, para se protegerem das chuvas que «varrem» a desabrigada artéria, enquanto esperam que os autocarros cheguem!

Isto em pleno século XX, numa cidade turística de 1.ª classe, que pretende cativar um sempre maior número de forasteiros!

A C. P. tem terrenos suficientes para não protelar por mais tempo os serviços anómalos devidos à exposta carência de instalações, as quais serviram numa época há mais de meio século, mas, hoje, estão ultrapassadíssimas, como é mais que natural.

Impõe-se, pois, que a Câmara faça sentir à «Dona C. P.», que aqueles terrenos em estado de semi-abandono (salvem-se as hortaliças plantadas pelos funcionários), dada a sua dimensão, requerem um aproveitamento cabal e actualizado.

Há que ter em conta que o público tem necessidade de utilizar os transportes ferroviários, no quotidiano, pagando e «bufando» para com os seus botões, mas não é só exigir obrigações. Há que rever os direitos de quem paga, pois, de contrário, teremos que pensar no que diz o velho rifão: «fica-te mundo, cada vez pior».

I ENCONTRO DE TURISMO COSTA VERDE — GALIZA

(Continuação da 1.ª pág.)

e outra executiva, constituída por elementos técnicos e outros para trabalharem na intensificação das relações entre a Costa Verde e a Galiza.

Esperamos que com esta louvável iniciativa, os problemas turísticos da região da Costa Verde e particularmente os do Concelho de Espinho, se inicie a recuperação turística da nossa terra para justificar o título que há mais de meio século conquistou — o de Rainha da Costa Verde.

E porque não pensar num II Encontro da Costa Verde-Galiza dentro dos muros da nossa cidade?

Boutique JENNY

LINHA JOVEM

Artigos Nacionais e Estrangeiros

Rua 19 n.º 343-E ESPINHO

Leia e assine "DE"

CÃO PERDIGUEIRO

Cor branca com pintas castanhas claras, com o nome de Dick, desapareceu em Espinho, na Rua 35 n.º 473. Gratifica-se a pessoa que a tenha encontrado, na morada acima ou no caso da mesma ser possuidora e não faça a sua entrega, futuramente sofrerá as consequências.

MATEMÁTICA E FÍSICA

DÃO-SE EXPLICAÇÕES
CONTACTAR PELO
TELEF. 920069
OU NA RUA 33 N.º 453
ESPINHO

EMPREGADO DE ESCRITÓRIO

PEDE-SE COLACAÇÃO NUM ESCRITÓRIO, EM REGIME LIVRE OU PERMANENTE.
ASSUNTO A COMBINAR PESSOALMENTE
CARTA A ESTE JORNAL AO N.º 82

PASSA-SE

CABELEIREIRO

No centro de Ovar, muito bonito, bom negócio.

Falar na Rua do Carril, n.º 12 em Ovar. Telef. 53403

VENDE-SE

TERRENO, NA RUA 31 N.º 865 EM ESPINHO,
PARA CONSTRUIR TRÊS OU SEIS ANDARES

VENDE-SE TERRENO

POENTE E SUL DAS RUAS 28 E 29
CONTACTAR PELO
TELEF. 22024
S. JOÃO DA MADEIRA

PICHELEIRO

Encarrego-me de todo o serviço de Picheleiro e Canalizador com a máxima perfeição e rapidez. Serviço ao domicílio.

MÁRIO DA SILVA ESTEVES

Telef. 920415 p. f., ou dirigir-se à antiga casa «Zé de Gaia», na Rua 33

Joaquim Gomes Pereira

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores. Bobinagem de dínamos e motores. Testes eléctricos e Focagem de faróis.

(Serviço Mobil)

Rua 15 — Telef. 921900 — ESPINHO
Residência — Telef. 964194

AGRADECIMENTO

IDALINA DOS SANTOS GASPAR CLETO

A Família vem agradecer, por este único meio, a todas as pessoas que a acompanharam neste doloroso transe e assistiram à Missa do 7.º Dia.

EXPLORAÇÃO — BARES

PRAÇA DE TOUROS DE ESPINHO

RECEBEM-SE PROPOSTAS PARA A EXPLORAÇÃO DOS BARES VENDA DE BEBIDAS E GELADOS DA PRAÇA DE TOUROS DE ESPINHO DURANTE O ANO DE 1977
AS PROPOSTAS DEVEM SER ENVIADAS PARA:

SOCIEDADE CAMPO PEQUENO, LDA.

PRAÇA DE TOUROS DO CAMPO PEQUENO — LISBOA

BRASIL — 77

PORTO-RIO DE JANEIRO-PORTO — PARTIDA EM 6 DE MARÇO

Consulte Agências de Viagens e Turismo CONCORDE (ex-CAPOTES)

— Espinho: Rua 12 n.º 628 — Telef. 921941
— Aveiro: Av. Dr. Lourenço Peixinho, 223 — Telef. 28229
— Águeda: Rua Fernando Caldeira, 39 — Telef. 62353
— Ílhavo: Praça da República, 5 — Telef. 25620

LUSOTUFO

Tapetes — Carpetes — Alcatifas

Telefone, 72005 CORTEGAÇA

ACÇÕES NACIONALIZADAS

— PLENÁRIO EM COIMBRA —

O MOVIMENTO PARA DEFESA DOS DIREITOS DOS PEQUENOS E MÉDIOS ACCIONISTAS DAS EMPRESAS NACIONALIZADAS, convida todos os possuidores de acções para assistirem ao plenário que se vai realizar em Coimbra, no Pavilhão da Palmeira, no próximo dia 13 (Domingo).

★ Não faltes. A tua presença é a garantia da defesa dos teus direitos.

★ Estarão presentes Órgãos de Informação nacionais e estrangeiros.

★ Informações nos Núcleos regionais de todo o País.

DE defesa de ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR: BENJAMIM COSTA DIAS

PROPRIEDADE: EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA 19, N.º 62 — TELEFONE, 921525
Composição e Impressão: Of. Gráf. de «O Primeiro de Janeiro»
TIRAGEM MÉDIA 2.500 EXEMPLARES

PODE SER ÚTIL

espectáculos

S. PEDRO

Dia 11, Sexta-feira — A CORRIDA DOS MALUCOS, com Pierre Richard e Jane Birkin — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Dia 12, Sábado — O FUGITIVO DA ILHA DO DIABO, com Jim Brown e Chris George — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Dia 13, Domingo — A VIDA POR VEZES É DURA, com Tomas Milian e Janet Agren — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Dia 15, Terça-feira — A LIÇÃO PARTICULAR, com Nathalie Delon e Renaud Verley — Para maiores de 18 anos.

Dia 17, Quinta-feira — A PROMESSA, com Guida Maria e Sinde Filipe — Para maiores de 18 anos.

CASINO

Dia 11, Sexta-feira—GOLPE BAIXO, com Burt Reynolds e Eddie Albert — Para maiores de 18 anos.

Dia 12, Sábado — OS MALUCOS EM HONG KONG, com Les Charlots — Para maiores de 13 anos.

Dia 13, Domingo — OS MALUCOS EM HONG KONG.

Dia 14, Segunda-feira— OS MACOS EM HONG KONG.

Dia 16, Quarta-feira — A SEMANA DO ASSASSINO, com Vicente Parra e Emma Cohen — Para maiores de 18 anos.

Dia 17, Quinta-feira — QUE DEMÓNIOS SE OCULTAM NA ESCURIDÃO, com Michael Gothard e Judy Cornwell — Para maiores de 18 anos.

farmácias

Sexta-feira — Farmácia Santos — rua 19 n.º 263— Telef. 920331
Sábado — Farmácia Paiva — rua 19 n.º 319 — Telef. 920250
Domingo — Farmácia Higiene — rua 19 n.º 393 — Telef. 920320
Segunda-feira— Grande Farmácia — rua 62 n.º 457 — Telef. 920092
Terça-feira — Farmácia Teixeira — rua 19 n.º 46 — Telef. 920352
Quarta-feira — Farmácia Santos — rua 19 n.º 263 — Telef. 920331
Quinta-feira — Farmácia Peiva — rua 19 n.º 319 — Telef. 920250

TELEFONES MAIS NECESSÁRIOS

Emergência	115
Bombeiros V. Espinho	920005
Bombeiros V. Espinhenses	920042
Hospital de Espinho	920327
Centro de Enfermagem de Espinho: dia 921587 - noite	922329
Praça de Táxis	920010
Posto Médico da Previdência	920664
Centro de Saúde de Espinho	921167
Câmara Municipal de Espinho	920020
Serviços Municipalizados	920040
P. S. P.	920038
G. N. R.	920035
Correios	920335
Abade de Espinho	920621
Auto-Viação Espinho	920323
Estação C.F.	920087

«DEFESA DE ESPINHO»

Preços de Assinatura Anual	*V. Aérea*	*V. Normal*
Portugal Continental e Ilhas Adjacentes		200$00
Angola e Moçambique	498$40	254$80
Austrália, África do Sul, Rodésia, U.S.A. e Venezuela	530$40	312$00
Brasil	457$60	254$80
Alemanha e Luxemburgo	353$60	312$00
Espanha		254$80
França		312$00
Columbia		312$00
Macau		312$00

HORAS DE EXPEDIENTE: De segunda a sexta-feira das 14,30 às 19,30 horas e aos Sábados das 9 às 12,30 horas

ASSIM VAI A CIDADE

CONCURSO DE POESIA, CONTO E POSTERS

CLASSIFICAÇÕES

CONCURSO DE «POSTERS»

1.º Prémio: «Pitti» — Luís Guedes de Almeida

2.º Prémio: «Joqui» — João José Alves Oliveira Quinta

3.º Prémio: Não a tribuído pelo facto dos restantes trabalhos não corresponderem ao tema do Concurso.

Porque nenhum dos premiados era aluno dos estabelecimentos de ensino de Espinho, o Júri resolveu atribuir este prémio a «Zezáppa» — José Pedro Guedes de Almeida.

POESIA

1.º Prémio: «Afastamento» — Artur César Vale Rego (Eco do Vale)

2.º Prémio: «Caleidoscópio Espinhense» — José Rodrigues Canedo (Vento em Popa)

3.º Prémio: «Espinho» — Maria Helena Sá Morgado (Gondomar).

CONTO

2.º Prémio: «A Crista da Onda»— José Rodrigues Caneda (Golfinho)

Os 1.º e 3.º Prémios não foram atribuídos por falta de qualidade dos 3 trabalhos restantes e por não obedecerem à estrutura do Conto.

FALECIMENTOS

ANTA

— Maria Rodrigues de Jesus, 75 anos, viúva de Augusto Alves Ventura.

— Rosa da Conceição Cunha, de 72 anos, viúva de António da Silva.

— Ana Alves do Couto, de 77 anos, casada com José Rodrigues dos Santos.

ESPINHO

— Manuel Pinto Prêda Pratas, casado com Rosa Amorim Pratas.

— Paulo Valente, de 78 anos, casado com Maria Alice Valente.

— Joaquim Rodrigues Adrêgo, de 85 anos, casado com Maria Emília dos Santos.

— Elvira de Jesus Barbosa, de 85 anos, viúva de Manuel da Silva Barbosa.

PARAMOS

— João da Silva, 72 anos, casado com Emília Alves da Costa.

MAIS DOIS SEM CARTA

— Foram detidos, e entregues ao tribunal, com a participação por condução ilegal Carlos de Assunção António, viúvo, de 45 anos, electricista, residente em S. Mamede de Infesta, e António Ferreira Leite, de Silvalde.

SEM DINHEIRO E SEM CHEQUES

Apresentou queixa na PSP, Dionísio Rodrigues de Sá, de Silvalde, contra um indivíduo que identificou, acusando-o de lhe ter furtado 30 contos em dinheiro e dois cheques no valor de 2 800 escudos.

E UM COM LIAMBA

— Foi detido pela PSP e entregue ao Tribunal, José de Sousa Cardoso, o «Zé do Grêlo», por estar de posse duma certa quantidade de liamba.

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os sócios da A.P.E.L.E. para uma reunião a realizar no Liceu Nacional de Espinho, no dia 16 do corrente, pelas 22 horas, a fim de tratar de assuntos de interesse comum.

A A.P.E.L.E, reúne todas as quartas-feiras, pelas 21,30 horas.

FERNANDO DOS SANTOS FERREIRA E SILVA

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

A família manda celebrar missa na Igreja de Silvalde, pelas 19 horas do próximo dia 18, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem comparecer a este piedoso acto.

Auto Internacional

Peças e Acessórios para Automóveis

Av. 24 n.º 1001—Telef. 923028

ESPINHO

ELECTRO-BOBINAGEM

— DE —

JAIME PERDIGÃO

Ex-proprietário do Café Parque

Electrodomésticos — Acessórios para instalações eléctricas e todos os concertos

Rua 18 N.º 776 — Telef. 922893

ESPINHO

BAILES DE CARNAVAL

PISCINA DE ESPINHO

SÁBADO, dia 19; SEGUNDA-FEIRA, dia 21 — Às 22 Horas

O tal do «Vólei»

CONJUNTOS: **MEDUSA (Português) — LOS DANDY'S (Espanhol)**

Marcações: Casa Vitó — Rua 19, Espinho

Venda de bilhetes: Sede do Sporting de Espinho

★ As marcações respeitam-se até ao dia 18, às 19.00 Horas

Organização Conjunta do SCE/AAE

CARNAVAL-77

O MAIS DIVERTIDO DO NORTE DO PAÍS

SOIRÉES DANÇANTES NO

SALÃO DE FESTAS E BOÎTE

Nas Noites de 19-20-21 e 22 de Fevereiro, às 22 horas

ACTUAÇÃO DOS CONJUNTOS
SURPRISE—GRUPO 4

GRANDE CASINO DE ESPINHO

Matinées Dançantes no Salão de Festas nos dias 20 e 22 de Fevereiro, às 16 horas

e o famoso Conjunto Espanhol
LOS WINDY'S

Nos intervalos actuarão os artistas que compõem o Show Internacional do Casino em que colaboram o

BALLET LEON GRIEG (Ballet Finlandês) — **MARINA ROSA** (Fadista) — **NOY & ROY** (Acrobatas Húngaros)

ALÉM DOS ARTISTAS CONVIDADOS PARA ESTE CARNAVAL

JORGE FONTES e o seu Conjunto de Guitarras — **MANUEL ROCHA «El Cantinflas»** Imitador Cómico Fantasista — **DUO HUMORÍSTICO CRISPIM** acompanhado pelo Conjunto de Jorge Fontes

SALÃO DE FESTAS

NOITES DE SÁBADO E 2.ª FEIRA— MESA C/ 4 ENTRADAS — 500$00

NOITES DE DOMINGO E 3.ª FEIRA — MESA C/ 4 ENTRADAS — 300$00

MATINÉES DE DOMINGO E 3.ª FEIRA — ENTRADA — 75$00

PREÇOS

VENDA DE MESAS NO CASINO

BOÎTE

	MESAS 2 LUGARES	4 LUGARES	6 LUGARES
SÁBADO E 2.ª FEIRA	500$00	1.000$00	1.500$00
DOMINGO E 3.ª FEIRA	400$00	800$00	1.200$00

Sem direito a consumo

VÉRTICE

Por CARLOS SÁRRIA

NOVO ALVITRE PARA A CÂMARA

Aí, a certa altura, quando isto entrou em clima de regabofes, e embora se afirmasse que era o povo quem mais ordenava, houve com que um surto epidémico e, em santo nome das maiorias e do povo, surgiram algumas das ruas da cidade com nomes.

Nomes esses que, nalguns casos, talvez merecessem o concenso geral e noutros, quiçá, não merecessem. Além disso, nomes há que pouco nos dizem, enquanto que outros, que muito nos dizem, foram, pura e simplesmente, olvidados.

Claro, na altura, era impossível travar essa onda e, portanto, umas minorias, não representantivas de toda uma comunidade, faziam o que lhes dava na real gana e, portanto, batizavam ou decidiam a seu bel-talante, sem que ninguém dissesse alto aí.

Agora, temos uma Câmara escolhida pelo povo. Representativa da comunidade local. Além da Câmara, temos outros órgãos da autarquia local que representam o povo. E temos o povo, para se pronunciar, através de diversas vias, se for necessário.

Só assim, haverá, como é desejável, uma gestão democrática. Só assim, se conseguirá, como é preciso, que impere a vontade expressa das maiorias. Só assim, se poderão corrigir os erros e anomalias do passado e encontrar o caminho certo do presente e do futuro.

Portanto, é imperioso que a Câmara, mais os órgãos do poder local, revejam a questão do batismo que foi dado a várias ruas de Espinho.

Torna-se necessário que esse batismo corresponda, de facto, à vontade do povo espinhense e não corresponda à vontade manifestada, a certa altura, por grupos, invocando, demagogia e, falsamente, a vontade desse desse mesmo povo.

Se existem nomes que merecem o concesso geral, outros existem que não. Além disso, como dissemos, nomes há que foram esquecidos e não o deviam ter sido.

Portanto, democraticamente, cabe à Câmara e aos órgãos do poder local, saberem reparar uma situação e auscultar a vontade popular, fazendo aparecer as ruas de Espinho batizadas, mas com o povo que é a razão de ser das comunidades, o povo que escolheu os seus representantes para as autarquias, como padrinho, a testemunhar que prevaleceu a vontade da maioria.

Ou, na realidade, há outra hipótese?

Se há, certamente que não se coaduna com os sistemas vigentes.

REMAR CONTRA A MARÉ • Por ARRAIS

Não há dúvida que C. P. há longos anos usa um sistema de construções que se baseiam em projectos de «chapa» que depois são aplicados indiscriminadamente por vários locais do País, sem cuidar de saber se essas construções se coadunam com as necessidades da terra ou com a sua própria categoria, isto é, de aldeia, vila ou cidade, pois cada uma tem, pelo seu desenvolvimento, pelo seu número de habitantes, pelo seu progresso industrial e comercial, direito a condições especiais e, não é com simples remedeios que mutas vezes se tornam efectivos, que se resolvem os problemas do público.

E, em relação a Espinho, que tanto batalhou para a destruição do barracão da pequena velocidade, este foi finalmente destrído e substituído por outro edifício que, devido a várias anomalias, ainda não serve a ninguém. Temos também o «caixote» que serve de abrigo aos passageiros que utilizam os combóios que se dirijem para o sul, sem quaisquer condições de comodidade e de lotação, pois já temos verificado, em dias de grande aglomeração de passageiros, alguns terem de aguentar a chuva e o vento, por não caberem lá dentro.

Não teria a C. P. possibilidades de mandar construir um abrigo com melhores condições e com outro aspecto?

ESCLARECIMENTO DOS CTT
a uma notícia publicada em 8-10-76!

Ex.mo Senhor:
Director do Jornal «Defesa de Espinho».

Em notícia publicada no vosso jornal de 8/10/76, alude-se a deficiências dos CTT, nessa cidade.

Informo que o assunto tem sido devidamente apreciado, estando prevista a construção de um Edifício Central e a criação de duas estações urbanas, uma na zona industrial e outra nas proximidades da estação do Caminho de Ferro.

Trata-se, porém, de um plano cuja realização total não é viável de imediato, pelo que, para já, estão em curso diligências no sentido de conseguir casa para instalar a primeira estação urbana.

Com os melhores cumprimentos,

O Chefe dos Serviços
Joaquim Alves Garpar

ANTA

EM FOCO

Com rés-do-chão e primeiro andar, onde os vidros das janelas já caixilhos tiveram, onde os fechos não encontram apoio por madeira não se, quase, vislumbrar, onde as telhas têm, amiudadas vezes, feito voos picados, aquela casa da esquina, qual fantasma, desafia a segurança pública.

Se uma daquelas telhas, presas, algumas, por um nico de argamassa, corroída já por sóis e chuvas longas, se desprende do seu poiso, e se naquele momento, por aquele local, passa um ser vivente, estamos mesmo a ver o que acontece.

Se é um adulto, o problema pode não ser grave porque a sua couraça craniana é, em princípio, resistente. Tomo como exemplo as agressões teimosas, partidárias, incoerentes, que têm visado o ser humano, ao longo destes anos de caminho para a miséria, e, ele, o homem, não ter acusado os ferimentos. Vai alegre e intelectual, ao encontro da via que lhe vão ditanto.

Agora uma criança não pode ser ferida, nem com telhas, nem com merendas apasteladas de doutrinação feroz e totalitária.

Aquela casa é um mistério!

Facilmente se poderá imaginar um cenário, envolto em névoa matinal, onde a mesa de pé de galo tenha seu lugar, a bola de vidro tenha seu poder, e os invisíveis comandos planeiem espirituais bajulações.

Aquela casa, junto da Loja do falecido Ângelo Gavêto, logo por destino infausto, tem como parceiro, defronte, um monte de ruínas, que outra casa foi, e que ajuda a lugubridade.

Quando o desastre acorrer, que não demorará, não faltará quem aponte o dedo. O fermento acusatório leveda tão rapidamente que será desnecessário invocar as divindads para a sua inocência, quem inculpado se sinta.

Haverá um responsável. Haverá dez, vinte responsáveis.

A minha sugestão:

Criar um logradouro, aproveitando a ramificação existente — uma via princival, a que vem para o Souso de Anta e mais duas que a ela se unem naquele local — e arejar a visibilidade, afugentar os fumos diabólicos, e evitar desastres.

Há muitos caminhos na nossa freguesia que agradeciam entulho.

ERRO

CORFI

Duas Organizações
o mesmo Prestígio!

COTESI

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ESPINHO

ANÚNCIO

ACÇÃO ORDINÁRIA N.º 7/76/2.ª

AUTORES: AMÉRICO FERREIRA AMORIM e JOAQUIM FERREIRA AMORIM.

RÉUS: MANUEL DA SILVA LEITE, casado, comerciante, ausente em parte incerta mas com última residência na Rua 8, Casa Linarte — Espinho e Outra.

Cita-se o réu ausente em parte incerta, para contestar o pedido de condenação no pagamento aos Autores, solidariamente com Outra, da quantia de 345.000$00 titulada por letras,, com juros à taxa de 6 %, desde o vencimento das mesmas representativas de tal montante, e ainda o referido réu, mais a quantia de 1.025.000$00 também titulada por letras, igualmente com juros à taxa referida, desde o vencimento das mesmas, que tal quantitativo representam, no prazo de 20 dias decorridos 30 dos éditos a partir da 2.ª publicação deste anúncio, e, bem assim, para declarar se confessa ou nega as firmas apostas na respectivas letras.

Espinho, 19 de Janeiro de 1977.

O Juiz Substituto,
Isilda Ferreira Torres

O Escrivão de Direito,
Plácido Maximiano Martins

DESPORTO

A. A. E.: APROVADAS QUOTAS MAIS CARAS E NOVOS ESTATUTOS (PARTE)

A ASSEMBLEIA PROSSEGUE HOJE

Reuniu, faz hoje 8 dias a assembleia geral da AAE. Em sessão extraordinária. O Presidente da Mesa foi substituído, por impossibilidade de presença, por *Higino Mendes*, Vice-Presidente. Os secretários, ausentes, tiveram como substitutos, o *Major Gaioso Vaz* e *José Beleza*.

Cerca de *35 associados*, num clube de quase mil, para resolverem *problemas transcendentes* da vida da AAE! Tristemente lamentável!

Após a leitura da acta anterior, dispensou-se a de alguns relatórios de actividades desportivas, faltosos na última assembleia. A dispensa foi motivada pelo adiantado da hora *(assembleia começou 1 h. e 15 m. depois!)* dado que a «ordem da noite» era sobrecarregada.

Em seguida, discutiu-se a proposta para alteração dos valores da quotização, dado que os valores actuais (5$00 e 10$00) eram irrisórios e, naturalmente, o clube, dado os seus encargos numerosos e crise de crescimento que atravessa, teria, forçosamente, de aumentar as suas receitas normais.

Assunto bastante dissecado e discutido, o *aumento de quotas acabou por merecer aprovação por unanimidade, tendo em vista que era indispensável à sobrevivência da colectividade*. Assim, a *partir de Janeiro deste* ano, *as quotas da AAE* passam a ser de *10$00 (menores)* e *20$00 (maiores)*.

Depois, a assembleia entraria no ponto principal da noite, isto é, na exaustiva discussão e eventual aprovação de alterações estatutárias, porquanto o clube pretende ter estatutos actualizados, capazes de lhe proporcionarem a vivência que a dimensão já atingida requer.

Ponto delicado, a merecer muitas intervenções, diversas propostas e contínuas votações, muito disputadas nalguns casos, a assembleia só se pronunciou sobre o *capítulo (nome e fins da associação)*, que continha 5 artigos. Alguns mantiveram-se outros foram alterados, com alterações mais ou menos profundas.

E, era 1 h. da madrugada, quando a assembleia foi suspensa e a sua continuidade marcada para hoje, pelas 21 h., já que, ainda, existem mais 13 capítulos e 80 artigos para dissecar, eventualmente alterar e aprovar!

Está em causa o futuro de uma das mais importantes colectividades locais.

C. S.

MAGNÍFICA VITÓRIA DO ESPINHENSE ANTÓNIO LEITÃO, NO II CORTA-MATO LISBOA — COIMBRA — PORTO

O valoroso atleta *juvenil* do Sp. de Espinho, *António Leitão*, foi o destacado vencedor da prova em referência, com uma vantagem de 30 s. que corresponde a cerca de 200 m. de avanço sobre o credenciado lisboeta, Humberto Sequeira, atleta que, antes da partida, andava nas «bocas do mundo», como presumível vencedor. No entanto, o espinhense, alardeando categoria, fazendo uso de excelente passada, patenteou as suas inegáveis e valiosas qualidades, como o bom momento que atravessa, acabando por conquistar um retumbante e indiscutível vitória, a credenciá-lo entre os melhores do país, na sua categoria.

Quanto ao também promissor *António Natário*, ao conquistar um 3.º lugar (escamoteado depois), confirmou todo o seu valor potencial e o 2.º lugar conquistado uma semana antes no norte, ultrapassando as previsões mais optimistas, pois só tem 10 anos.

As classificações foram assim:

CORTA-MATO DE JUVENIS
4 500 m. (65 atletas)

1.º António Leitão, (Sp. de Espinho), 16.59.4 s.
2.º Humberto Sequeira, (Sporting), 17.30.0 s.

CORTA-MATO DE INFANTIS
1 500 m. (60 atletas)

1.º Joaquim Jesus, (Avintes), 5.35.8 s.
4.º António Natário, (Sp. de Espinho), 5.58.0 s.

PRESENÇA ESPINHENSE NO VI GRANDE PRÉMIO DE AVINTES

Entretanto, cá por cima os atletas espinhenses continuam a preparar-se competindo e, portanto, apresentando-se no certame acima citado. E, assinale-se, uma espinhense, apenas com 13 anos, começa a despontar e a fazer recair sobre si as atenções, pois conquistou, agora, um 8.º lugar, numa prova destinada a «senhoras» e ficando à frente de muitas atletas com idade de seniores dos clubes portuenses, muitas das quais com anos de prática.

Eis a classificação dos espinhenses:

2 500 m. — SENHORAS
(+13 anos — 33 atletas)

1.ª Rosa Mota, (Foz)
8.ª Laura Alves, SCE
25.ª Maria Manuela, »
28.ª Rosa Silva, »

5 000 m. — JUNIORES/SENIORES
120 atletas

1.º José Abreu, (Benfica)
42.º Paulo Malheiro, SCE
66.º Alberto Tomás, »
74.º Belmiro Rocha, »
83.º António Leite, »

O comportamento dos espinhenses foi agradável, atendendo ao número de praticantes e, também, ao valor dos atletas que compareceram, a maioria deles já traquejada nestas provas.

Amanhã, sábado e no domingo, disputam-se os «regionais» de todas as categorias, onde estarão presentes os espinhenses, prometendo que, pelo menos, um título poderá vir para o escaparate dos «tigres».

P. M.

DESPORTOSKÓPIO

LUÍS RESENDE e CARLOS PRATA, que recentemente, regressaram de Espanha, onde terminaram com aprovação o curso levado a efeito pela Federação Espanhola de Voleibol, curso esse que proporcionava a categoria de treinador nacional no país vizinho, são os dois portugueses indigitados para, a partir de 10 de Março e até 5 de Maio, frequentarem, em Roma, um novo curso, com duração de 2 meses.

Os dos jovens técnicos espinhenses, de voleibol, deslocam-se com viagens de sua conta, sendo a estadia de conta do Comité Olímpico Italiano. Portanto, a breve trecho, Espinho contará com dois treinadores cuja bagagem de conhecimentos está, sem dúvida, a enriquecer-se de uma forma notável, daí podendo beneficiar, grandemente, a modalidade e os praticantes locais, como outros técnicos a quem aqueles, de certeza, se prontificarão a esclarecer.

★

CENTRO DE MEDICINA DESPORTIVA DE ESPINHO continua a ser uma necessidade premente, contudo não há maneira de aparecer, apesar das constantes promessas e das solicitações dos clubes locais. No entanto, segundo parece, a Câmara Municipal, através do pelouro competente (ou pelouros competentes, isto é, saúde e desporto?), vai tomar posição (se nesta altura já não tomou), certamente para ajudar a solucionar um caso que se arrasta e que, de há muito, lesa Espinho-desportivo.

★

OS «KÁGADOS», NO DOMINGO, FORAM 15! É verdade. Aparecem 15 e dos 12 aos 50 anos! Ei-los que às 9,30 h. da madrugada se juntaram frente à Câmara. Dali partiram para a preparação que o professor Laurénio, durante uma hora, calcorreando ruas de Espinho, lhes ministrou. E, entretanto, assinale-se a presença de dois antigos desportistas de nomeada. O Valter, um dos desportistas espinhenses mais ecléticos e brilhantes de sempre e o Cadete, que foi um senhor médio no futebol espinhense. Além disso, refira-se que apareceram dois conjuntos pai-filho. Dois pais quarentões. Dois filhos, um de 12, outro de 16 anos. Depois de uma hora de preparação, 10 dos 15 ainda tiveram força para uma «pelada» futebolística de uma hora! Uma manhã bem passada, melhor, utilmente passada, extraindo benefícios para a saúde. Domingo, às 9,30 h., os «KÁGADOS» lá estão no ponto de partida, esperando mais adesões.

★

JOVENS MOÇAS QUE FUMAM. Moças e desportistas. Bastantes jovens. Que praticam desporto e que, antes de um treino ou de um jogo, inconsciente ou conscientemente, fumam no próprio balneário. Lamenta-se o facto. Assinale-se e esperemos que, ao lerem, aceitem o reparo, para se consciencializarem. O vício do fumo não é para desportistas. Muito menos para jovens desportistas, menos ainda, para moças jovens.

NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO — Zona Norte

FUTEBOL

LOUROSA, 1 - SP. ESPINHO, 2

Saboroso e precioso o 1.º triunfo fora!

Aguardado com grande expectativa e rodado de muito público este difícil encontro em Lourosa, envolto na habitual rivalidadezinha de equipas vizinhas, começou, praticamente, com um golo dos donos da casa e, isso, trouxe a ideia de que os espinhenses não saíriam dali com uma vitória.

De resto, a ganhar aos 2 m., os homens de Lourosa, naturalmente, vieram mais para o ataque e, até, talvez tenham tido o ensejo de aumentar o «score». Aos poucos, porém, a turma dos «tigres» foi-se impondo e, talvez a partir da vintena de minutos tornou-se a melhor equipa no terreno, assenhoreando-se aos poucos do jogo e obtendo a igualdade quando o primeiro tempo escoava.

Após o intervalo, a partida foi, sob o aspecto territorial, mais equilibrada, com os «tigres» a exibirem maior lucidez, outra sincronização de movimentos e tranquilidade, enquanto os da casa davam o sinal mais na ofensiva, mas sem criarem grandes problemas, já que as perdidas que houve foram de um e de outro lado.

No entanto, quando faltavam 10 minutos para o final, os «tigres» souberam explorar bem uma falha da defesa local e contruir um precioso e saboroso triunfo, aliás que não escandaliza face ao que se passou em Lourosa e abre as melhores perspectivas para a continuidade da prova.

Eis a ficha do jogo:

Jogo no campo do Lourosa.

Arbitrou, Aventino Ferreira (Braga, auxiliado por José Martins (bancada) e Júlio Lopes (peão);

LOUROSA — Melo; Inácio, Pinto, Dinis e Cardoso; Júlio, Ramos e Ezequiel; Costa, Baltasar (Mazola, aos 52 m.) e Aires (Maia, aos 26 m.).

SP. ESPINHO — Quim; Gomes, Pereira, Gonçalves I e Raúl (Castanheira, aos 83 m.); João Carlos (Gentil, aos 80 m.), Meireles e Gonçalves II; Reis, Serrão e Malagueta.

Ao intervalo: 1-1. Marcaram: Aires (aos 2 m.) e Reis (aos 45 e 80 m.).

Cartão amarelo: Gentil (aos 87 m.) por discutir com o árbitro.

TOTOBOLA

CONCURSO

«ORGÃOS DA INFORMAÇÃO»

Prognóstico da «Defesa de Espinho»-Desporto

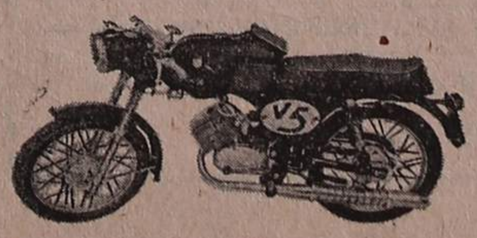
N.º 25 - 20 FEVEREIRO -77

TAÇA DE PORTUGAL

Arrifanense - Setúbal	2
Guimarães - Boavista	1
Porto - Montijo	1
U. Lamas - Sporting	2
Sanjoanense - Farense	1
Oriental - P. Ferreira	2
Limianos - C. Piedade	1
Nacional - Almada	1
Maria da Fonte - Fafe	2
Famalicão - Infesta	1
ESPANHA	
Saragoça - Santander	1
Celta - Bétis	x
Burgos - Real Madrid	2

António Leitão, o jovem e promissor atleta espinhense, que, no domingo passado, obteve uma espectacular vitória em Lisboa

Por absoluta falta de espaço só no próximo número poderemos incluir a entrevista (já feita) com este valoroso desportista e com António Natário, outra promessa do atletismo espinhense.



SACHS

RUA 20, N.º 735 — ESPINHO

«Placard» de Resultados

VOLEIBOL

«NACIONAIS»

JUNIORES

SCE — At. Madalena	3-2
SCE — Carvalhos	3-0

JUVENIS

Esmoriz — AAE	3-0
AAE — SCE	3-2

INICIADOS

Esmoriz — SCE	3-2
AAE — SCE	2-3

FEMININO

JUNIORES

SCE — Fluvial	0-3
SCE — Leixões	0-3

ANDEBOL DE SETE

«REGIONAIS»

2.ª DIVISÃO

SENIORES

Leça — SCE	16-17

JUVENIS

Salgueiros — SCE	22-15

JUNIORES

SCE (A) — Canidelo	36-15

HÓQUEI EM CAMPO

RESERVAS

AAE — Sport	0-0

JUNIORES

«TAÇA JOSÉ MACHADO»

AAE — Leixões	0-4

FUTEBOL

JUNIORES

2.ª DIVISÃO

Esmoriz — SCE	1-5

JUVENIS

Feirense — SCE	2-3

INICIADOS

SCE — Cortegaça	3-1

diversos

CASA ANGÉLICA

Rua 19, n.º 209 — Telefone, 920236

MODAS — MALHAS — MIUDEZAS

Exclusivistas das malhas «SIDNEY»

Daniel R. Iglésias

Confecções para Homem e Senhora — Modas — Novidades

Estabelecimentos: Rua 19 n.ºs 203 e 188 — Telefs.:
Estab. 920463
Resid. 920086 ESPINHO

FERRÁDIO

MARQUES CORREIA PRATAS, LDA.

FERRAGENS PARA MÓVEIS E CONSTRUÇÃO CIVIL
PREGARIA E FERRAMENTAS DIVERSAS
FERRAGENS PARA CORTINADOS — TINTAS «SOTINCO»
RUA 7, N.º 314 — TELEF. 923401 — ESPINHO

SUPERMERCADO DO LAR

RUA 62, N.ºs 227 A 231 — ESPINHO

Grande Campanha de Baixa de Preços

Mobílias de Sala e Quarto — Móveis de cozinha por elementos e outros — Papéis pintados — Relógios antigos — Alcatifas, Carpetes, Tapetes, Pavimentos nacionais e estrangeiros — Maples — Candeeiros nacionais e estrangeiros — Electrodomésticos — Colchões — Almofadas — Adornos — Alcatifas estrangeiras de pelo rapado, etc.

Pessoal especializado em decorações e colocações de: Papéis — Alcatifas — Pavimentos

ENTREGAS AO DOMICÍLIO

drogarias

DROGARIA

BAPTISTA

EDUARDO REIS BAPTISTA

Produtos de Beleza do Dr. N. G. Payot
Grande sortido em perfumarias Nacionais e Estrangeiras

Rua 23, N.º 240 ESPINHO Telefone, 920467

Paula & C.ª, L.da

Materiais de EDIFICAÇÃO e DROGARIA — Mercadorias Agrícolas

RUA 19, N.º 450 TELEFONE, 920138 ESPINHO

DROFER

DROGARIA — FERRAGENS — FERRAMENTAS
TINTAS — SANITÁRIOS — CUTELARIAS — MÉNAGE

OS MELHORES PREÇOS — AS MELHORES QUALIDADES

CENTENO, PEREIRA & C.ª, LDA.

RUA 24, N.º 963 — ESPINHO

«DE» — EXPEDIENTE: 2.ª a 6.ª — 14,30 às 19,30 horas; Sábados — 9,30 às 12,30 horas

fabricantes

MANUEL PEREIRA FONTES

— FÁBRICA DE TAPEÇARIAS —

Importação Exportação

Tapetes e Carpetes manuais — Passadeiras, tapetes, carpetes e alcatifas mecânicas «Wilton» e «Axminster» com desenho «REALCE»

Telex 22255 — Fontes - P Telefs.: 921316/7/8
SILVALDE — ESPINHO

MÁRMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

— DE —

VITORINO LOPES DA CRUZ

Telef. 920565 — Monte Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7, N.º 561

hotelaria

Restaurante
Snack — Discoteca
CABANA

PRAIA DA SECA — ESPINHO
TELEF. 921322 — APARTADO 80

GRANDE FESTIVAL DE MARISCOS
Com vista panorâmica para o Mar

Pratos especiais:
BACALHAU À CABANA
COSTELETAS À ALENTEJANA
TORNEDÓ À AMERICANA
ARROZ DE MARISCO

A nova Gerência agradece a sua visita

Aos domingos e feriados, matinés dançantes

Restaurante-Bar da Piscina

ALMOÇOS — JANTARES

SERVIÇOS À LISTA

Especialidade em frango à Lokinhas
Preços especiais para Banquetes com todas as garantias

Dirigido por ARMINDO AZEVEDO

TELEFONE, 920153 — ESPINHO

móveis

Móveis Decorações

BAPTISTA

RUA 20, N.º 528 — TELEFONE, 921534 — ESPINHO

MÓVEIS COSTA VERDE

ESTOFOS, DECORAÇÕES E ELECTRODOMÉSTICOS
MÓVEIS EM TODOS OS ESTILOS

VISITE-NOS!
E VERÁ TODOS ESTES ARTIGOS PELO MAIS BAIXO PREÇO.

AVENIDA 24 (Junto ao Café Trovador)
ESPINHO

ourivesarias

OURIVESARIA CONFIANÇA

Uma casa antiga (1890) que com as suas instalações

BOM GOSTO E SIMPATIA

ACOMPANHA OS TEMPOS MODERNOS

OURO — JOALHARIA — PRATAS — RELÓGIOS

RUA 19, N.º 307 ESPINHO

advogados

FERREIRA DE CAMPOS
DULCE DE OLIVEIRA CAMPOS

Advogados

Rua 11 n.º 877 — Telef. 922210
ESPINHO

médicos

Agostinho Pedrosa

MÉDICO ESPECIALISTA
EM DOENÇAS DA CRIANÇA

CONSULTAS: Às 2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª feiras
MARCAÇÕES: Desde as 15 horas
CONSULTÓRIO: R. 19 n.º 343-1.º sala-B Telef. 920634
RESIDÊNCIA: Telef. 9620795

DR. CARLOS PEREIRA

DOENÇAS DOS OLHOS

Médico especialista do Serviço de Oftalmologia do H. G. de St.º António

Consultas:
Rua Gonçalo Cristóvão, 128-1.º-D.
Telef. 380458 PORTO
às 3.as, 4.as e 5.as feiras

Rua 19 n.º 364-1.º-E.
Telef. 921218 ESPINHO
às 2.as e 6.as feiras

J. PINTO VALENTE

MÉDICO

Com prática dos Hospitais de Paris, doenças das senhoras, clínica geral

Avenida 8, n.º 238 — ESPINHO

Consultas a partir das 15 horas
Marcações pelo telefone, 920183

PINTO DE MATOS

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218
ESPINHO

tratamentos

CENTRO DE ENFERMAGEM DE ESPINHO

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.

Horário:
das 9 às 12,30 e das 14,30 às 20 h.

Telefone, 921587

Telefone de urgência 922392
Noite

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO
Frente à Igreja

Divulgue "DE"

MATERIAIS PARA A HISTÓRIA DA PRIMEIRA REPÚBLICA

(Continuação da pág. 8)

A seguir ao 5 de Outubro, como a seguir ao 25 de Abril, há aquilo que em síntese se pode chamar uma «explosão social», como se barreiras e constrangimentos que não eram meramente políticos e policiais e que pesavam sobre certas classes sociais, em especial sobre a classe operária, rebentassem, libertado uma maré de lutas que cresce subitamente e depois se atenua: um surto grevista. Este surto grevista, em 1910-11, como em Maio de 1974, apareceu em grande parte como espontâneo, traduzindo-se por uma ruptura colectiva e individual profunda que marca uma geração operária de forma indelével, criando uma nova vanguarda surgida das lutas sobre um quase vazio anterior em que os militantes operários mais destacados se isolavam e eram atingidos pela repressão. O sentimento social de quebra de autoridade do estado burguês que provocam «revoluções» como o 5 de Outubro e o 25 de Abril, cria condições para o surgimento de um poderoso movimento social que se desenvolve como uma bola de neve.

Em 5 de Outubro, como em 25 de Abril, só através do empenhamento de grandes meios e de formas de coacção social, se puderam travar os surtos grevistas. Em ambos os casos, foi através de uma ampla campanha anti-greve que, associando os grevistas ao regime derrubado, abrindo caminho à repressão directa, criou condições para isolar os grevistas e travar as greves. Estas campanhas anti-greves para terem êxito necessitavam de dois factores principais: haver ilusões sobre o carácter do novo regime e existir uma organização política com implantação na classe operária que fizesse o papel de polícia e de bombeiro do movimento grevista.

Em 1910-11 foi o Partido Republicano e a Carbonária, principalmente através das polícias «cívicas» e dos batalhões de voluntários, que arregimentavam um número substancial de operários; em 1974 foi através do partido do Dr. Cunhal e da Intersindical.

Muito significativamente em Janeiro de 1911 e Junho de 1974 assiste-se a manifestações anti-greve, convocadas respectivamente pela Carbonária e pela Intersindical. Em ambos os casos, o objectivo era voltar a opinião pública contra os grevistas acusando-os de serem manejados por agentes monárquicos, em 1911, pela «reacção» e pela CIA em 1974.

A história veio a mostrar que o regime criado pelo 5 de Outubro nunca conseguiu consolidar as instituições democrático-burguesas em que baseava, e um dos sintomas dessa fraqueza institucional foi o modo como o movimento operário português evoluiu depois de 1910, quase inexistência de um movimento operário reformista e a supremacia dos anarco-sindicalistas que se acentua exactamente no período de 1908 a 1911, mostra como nos sectores rurais mais combatidos da classe operária, o novo regime republicano não conseguiu a situação de «paz social» a que anseava.

Apesar da responsabilidade do anarco-sindicalismo ser grande na derrota de 1926, o que é certo é que a sua influência revela os sentimentos revolucionários de transformação social que animavam a classe operária portuguesa no período da I República. É lícito pressupor que a ruptura social de 1910-11 foi um factor decisivo na consolidação do anarco-sindicalismo e que contribuiu para criar as condições da crise institucional permente do regime.

O objectivo destes artigos é trazer alguns novos materiais para a discussão destas questões. A saber: como o 5 de Outubro se refletiu no movimento operário; as características dessa «explosão social» e a sua ligação com a crise das instituições democrático-burguesas; a consolidação do anarco-sindicalismo na sua ligação com as greves de 1910-11 e por fim, um melhor conhecimento quantitativo e qualificativo do movimento grevista dos anos 10. Os artigos terão como base três trabalhos recentes de estudantes da Faculdade do Porto, feitos no âmbito de disciplinas do curso de História(3). Esses três trabalhos versam um tema comum: a recolha na imprensa da época de informações sobre o movimento grevista. Versam os períodos de Outubro 1910 a Março de 1912, de 1913 e de 1916. Apesar do seu âmbito restrito apenas à recolha da imprensa e de conterem alguns erros de método, permitem-nos estudos com mais profundidade o movimento grevista da I República.

---

(1) Vasco Pulido Valente, «O Poder e o Povo: a Revolução de 1910», 1976, pág. 177.

(2) Esta afirmação pode não ser rigorosamente exacta se se tiver em conta os movimentos grevistas do princípio dos anos 40 e 60, que se realizaram nas condições de repressão violenta do fascismo e cuja amplitude não pode ser medida do mesmo modo que as greves de 1910-11 e 1974. No entanto, como não existem dados completos sobre esses movimentos e dadas as suas características diferentes das greves que acompanharam o 5 de Outubro e o 25 de Abril, não os referiremos. Sobre o movimento grevista pós-25 de Abril utilizamos como referência o trabalho de M. L. Lima Santos/M. Pires de Lima/V. Matras Ferreira, «O 25 de Abril e as lutas sociais nas empresas», 1976.

(3) E. N. Teixeira Mendes/M. M. P. Pinto Bivar/L. Cunha Silva/D. M. Xavier, «Greves em Portugal desde a implantação da República até fins de Março de 1912»; M. R. Pinheiro de Sousa Poças/M. N. Gomes Azevelo, «Greves e movimentos reinvindicativos em Portugal no ano de 1913»; F. M. Azevedo Brandão, «As Greves de 1916».

(Continua)

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

ELLEINSTEIN, Jean: «O Estalinismo, história do fenómeno estaliniano». 208 págs. Trad. Pedro Baptista. Col. Estudos e Documentos. Publicações Europa-América. Lisboa, 1976.

Deste conhecido historiador que é Director do Centre d'Études et de Recherches Marxistes, saiu este importante volume, agora em língua portuguesa. Dizemos importante, pois através das suas páginas, Jean Elleinstein «disseca de alto a baixo a prática do Partido Comunista da União Soviética, fazendo ao mesmo tempo uma análise crítica sobre Estaline e a sua política, que tanta polémica tem suscitado nas próprias fileiras marxistas, concordando ou não com os crimes que mandou executar sobre os seus opositores. Análise documental e imparcial de um regime e de uma época que tem caracterizado todo um período contemporâneo.

WISEMAN, Thomas: «O Dia Antes de Amanhecer». 374 págs. Trad. Maria Clarisse S. Tavares. Edições Ática. Lisboa, 1976.

Narrativa em estilo cinematográfico que tem como pano de fundo os últimos dias da derrocada da Alemanha, na Segunda Guerra.

Os diálogos são aqui a carne viva deste romance, cujas personagens, umas patéticas, outras trágicas, traduzem, ao fim e ao cabo, as contradições de um mundo em transformação.

Cenas dantescas de uma Alemanha desvastada pelas bombas de americanos e russos perpassam diante dos nossos olhos, com um tal realismo que chega a ultrapassar a própria realidade.

ADAMS, Paul e outros: «Os Direitos da Criança»: 335 págs. Trad. Ana Maria Melo Torres. Livros Unibolso. Editores Associados. Lisboa, 1976.

Tema sempre interessante e actual é o dos direitos da criança, tanto tempo esquecida no tumultoso mundo dos adultos. Este livro é mais uma achega para o estudo da educação das crianças no sentido de as levar à convicção de que a liberdade é um direito indeclinável, tornando-se um autêntico manifesto dos seus direitos: liberdade de expressão, liberdade de pensamento, liberdade do medo, da opressão, o direito à propriedade dos seus próprios corpos; direitos este tão esquecidos e desprezados pela sociedade dos adultos.

VÁRIOS. «O Trabalhador contra o Capitalismo». 301 págs. Trad Luís Imaginário. Col. Século XX-XXI. Iniciativas Editoriais. Lisboa, 1976.

Livro que pretende ser um Curso de Economia é, acima de tudo, «uma experiência colectiva de formação em economia realizada no quadro Cultura e Liberdade (ass. de educação popular) sob a forma de intervenções em empresas, a pedido de comissões de trabalhadores e de estagiários.

Escrito por economistas do sector público, este livro trata sobre assuntos que ajudam a compreender os mecanismos essenciais da vida económica, a fim de os trabalhadores actuarem num domínio que lhes tem sido recusado.

CORREIA, Ramiro e outros: «M.F.A. e Luta de Classes». 362 págs. Col Biblioteca Ulmeiro. Livraria Ulmeiro. Lisboa, 1976.

Colectânea de textos que tenta explicar, sob a óptica dos autores, o período da revolução portuguesa entre o 11 de Março e o 25 de Novembro de 1975. Reunindo elementos importantes para a compreensão daquele período no que respeita à ideologia dos militares progressistas, este livro pode considerar-se mais uma achega para tentar interpretar o processo revolucionário do nosso país.

GIAP, general vo Nguyen: «Armamento das Massas Revolucionárias Edificação do Exército do Povo». 274 págs. Trad. Manuel Reis Ferreira. Col. Terceiro Mundo e Revolução. Livraria Ulmeiro. Lisboa, 1976.

Trata-se de um manual de guerra revolucionária, escrito por um perito da guerra do Vietnam, o general Giap.

Aqui se aborda o problema da «edificação das forças armadas populares na insurreição e na guerra revolucionária no Vietnam, debaixo da óptica marxista.

ESCAPARATE

A Livraria Ulmeiro *acaba de lançar os seguintes livros:* «Sobre a Democracia Operária e outros textos», *de António Gramsci;* «Textos Sobre Brecht», *que Mário Sério tinha publicado no Diário de Lisboa e na República e* «A I.T.T. Contra o 25 de Abril», *de Oliveira Antunes.*

★

Artigos e ensaios sobre o romantismo alemão preenchem algumas boas páginas do quinzenário de literatura «La Quinzaine Litteerain», *referente à segunda metade do mês de Janeiro.*

Outras rubricas de interesse se podem ler ainda neste número: Crítica sobre obras de Víctor Nekrassof, Ives Elléonet, Denis Duparc, Bruno Bettelheim, Alain Peyrefitte, subscrito por Anne Sarraute, Michel Leiris, George Auclair, Jean Lacorte e Piere Avril. Cinema e música também têm aqui o seu lugar em artigos de Ruth Henry e Louis Seguin. Continua em folhetim o romance de Leonardo Sciascia — «Les Poignardeurs».

★

Acaba de sair a revista para publicação de documentos e estudos relativos ao Distrito de Aveiro — «Arquivo do Distrito de Aveiro», *referente ao último trimestre de 1975 e que tem como directores Francisco Ferreira Neves, José Pereira Tavares e Eduardo Ala Cerqueira. Do seu valioso recheio salientamos:*

«Subsídios para a História do Museu de Arte em Aveiro», por José Tavares Afonso e Cunha; «Subsídios para a História de Ílhavo, Gafanha e Costa Nova», por José Ferreira da Cunha e Sousa; «O Distrito de Aveiro nas habilitações do Santo Ofício», por Jorge Hugo Pires de Lima.

★

Da revista «Brotéria» *referente a Janeiro destacamos: «E a Revolução Moral?», por Manuel Antunes; «Escolha de Tecnologias e Cooperação Comercial», por Valentim Xavier Pintado, «Conversão e Igreja Peregrina», por António Justo; «Ressurreição da Democracia», por F. Pires Lopes. Artigos sobre Poesia, ficção brasileira e Miguel Torga respectivamente por João Maia, Alves Pires e Ribeiro da Silva. Completa este número: «Governo: Plano e Opção», por Luís Estevais e «A 1.ª Missão Diplomática Portuguesa ao Brasil Republicano (1891-1893)», por Domingos Maurício.*

A vida é vinho bastante amargo,
que não satisfaz bebido dum roído.
São as horas perdidas no tempo esquecido
em que todo o ser vivo acaba trago.

AS RAÍZES DO TÉDIO EM MANUEL LARANJEIRA

(Continuação do último «Encontro»)

Por JOEL SERRÃO

Anteriormente verificámos já que a natureza psicológica de Laranjeira era predisposta a intercadência de euforia e de depressão. E notemos, de passagem, que quase todos os seus escritos de teor ensaístico, compilados em *Prosas Perdidas*, foram redigidos em momentos de entusiasmo, e um dos inegáveis méritos literários deles consiste, precisamente, na convincente adequação do estilo, de ritmo vivo, aos estados anímicos que o autor comunica. Dir-se-ia, por conseguinte, que, no autor do *Pessimismo Nacional* (escrito bem mais optimista do que seria natural esperar), a confiança momentânea no poder do raciocínio e das boas intenções se exprime, naturalmente, pela prosa doutrinal ou ensaística — artigos de doutrina política e estética —, pois que a dúvida e o tédio, paralisando-lhe os voos mentais e enleando-o nos meandros de si mesmo, lhe consentiam tão só a carta, a página de diário, a poesia — o desabafo sentimental, em suma.

Natureza cuja lei era a inquietude, a sua neurastenia crónica tornava predominantes os estados de «psicastenia», doença essa que caracterizava deste modo: «Os psicasténicos sofrem sempre duma insuficiência dinâmica que pode localizar-se principalmente no domínio mental (duvidadores), no domínio afectivo (escrupulosos, duvidadores morais), no domínio da vontade (abúlicos)»(1). Pode, portanto, asseverar-se que o *tonus* mental de Laranjeira só muito excepcionalmente o não impelia à queda em si mesmo, ou seja para as suas «crises depressivas, afinal, um absurdo dos meus nervos»(2). Ora a depressão, por seu turno, facilitava-lhe a atitude introvertida, para que tinha tendência: «Esgoto as horas», confessava ele, «a fitar-me»(3); «Eu sou um homem para quem só existe um livro de leitura proveitosa e é o livro que eu leio dentro de mim mesmo»(4); «Fitando-se», encontrava-se só, como sempre ocorreu com o homem ensimesmado.

Porém, na sua solitude de homem que, corroído pela dúvida religiosa, se encontra desprovido de socorro sobrenatural, lança raízes o seu «orgulho desmedido»(5), de que tinha consciência e que seria, em última análise, como que uma compreensível mas precária compensação à consciência de que havia falhado na vida — na vida portuguesa do seu tempo. Poder-se-à «acusar», inquiria ele, «uma semente de não germinar, só porque a semearam sobre uma rocha estéril?»(6). Note-se que «rocha estéril» é aqui sinónimo de meio cultural português... Laranjeira acreditava, pois (e não sem razão, que Diabo!), na boa qualidade da semente infecunda que reconhecia ser, mas isso não obstava a que, noutros momentos de maior lucidez e coragem, reconhecesse também: «Acerca dos males da minha terra, não falo como médico, falo como enfermo»(7).

Enfermo, sem dúvida alguma, foi Manuel Laranjeira: de uma complexa moléstia que, principiando na ambiência mental que respirou, nele mesmo se repercutiu e, por seu turno, contribuiu com a sua quota-parte para o mal-estar da época. Com efeito, a neurastenia, a introversão, o orgulho e a solitude dele revelam-se sintomas alarmantes. Todavia, só por si, tais sintomas, ou aspectos da sua fisionomia psíquica, não bastam para caracterizá-la naquilo que nela se nos depara de fundamental e único. É que tudo isso — neurastenia, introversão, etc. —, no autor do *Diário Intímo*, é tão-só como que ilhéus imersos num mar infindo, baço, gris, que ensopa toda a sua personalidade e ao qual ele mesmo chamava o «amigo tédio»(8). Amigo? Maneira irónica de dizer, claro está.

---

(1) A Doença da Santidade, p. 57
(2) Cartas, p. 106
(3) Diário Intimo, p. 87
(4) Cartas, p. 116
(5) Diário Intimo, p. 29
(6) Cartas, p. 87
(7) Ibid p. 149
(8) Diário Intimo, p. 79

(Continua)

ENCONTRO

N.º 10
Fever. / 1977

Suplemento de Divulgação Cultural da «Defesa de Espinho»

Direcção de F. AZEVEDO BRANDÃO

MATERIAIS PARA A HISTÓRIA DA PRIMEIRA REPÚBLICA

(Continuação do «Encontro» anterior)

Por JOSÉ PACHECO PEREIRA

Numa obra editada recentemente, mas escrita em 1971, Vasco Pulido Valente afirmava: «Até hoje (1971) classes trabalhadoras não se voltariam a levantar com tão grande unanimidade em defesa dos seus interesses[1]. Hoje, em 1977, teríamos que fazer uma correcção a esta afirmação. De facto, o movimento grevista de 1910-11 só tem paralelo na história portuguesa com o que ocorreu imediatamente a seguir ao 25 de Abril, em particular no mês de Maio de 1974[2].

De qualquer modo, há um momento de luta de classes, em que os protagonistas, com seus avanços e recuos, os seus reflexos e contradições, seguem um mesmo movimento, uma mesma dialética histórica. Sem querermos entrar no pormenor de algumas questões que vão ser discutidas a seguir é um facto que, à superfície, se desenvolve numa sucessão de acontecimentos cuja lógica é semelhante.

Em 1910-11, como em 25 de Abril, tomba por um golpe militar, secundado por algumas movimentações civis urbanas, um regime político opressivo. São «revoluções», a de 5 de Outubro e a de 25 de Abril, contraditórias: nelas há um elemento de progresso político e social, o decair de estruturas políticas e sociais retrógradas; mas também um elemento de adaptação, a tentativa de certos sectores mais esclarecidos ligados ao stato quo económico e social existente de se adaptarem a novas condições e de se libertarem de um regime que já não lhes serve os objectivos. São «revoluções» nas quais há luta entre um elemento revolucionário e um elemento de reforma e adaptação. Daí as aspas, para se preservar o termo revolução para as alterações de estruturas políticas, económicas e sociais, que marcam não a passagem de um regime a outro, mas sim de um sistema a outro.

(Continua na pág. 7)

NATÁLIA CORREIA: *«Como poeta e como patriota não pude furtar-me a registar o desencanto em que se esboroou a esperança numa revolução que foi pervertida pelos novos opressores do período gonçalvista.»*

Entrevista conduzida por F. AZEVEDO BRANDÃO

O impacto causado pela publicação do livro de poemas «Epístola aos Iamitas», ao qual já tivemos ocasião de referir no nosso número anterior e que tem suscitado viva controvérsia nos diferentes quadrantes das nossas letras, consoante a côr político-ideológica dos seus intervenientes, levou-nos a trazer até aos leitores do «Encontro», a sua autora — Natália Correia — para que nos falasse não só do seu livro polémico como também da poesia em geral.

Assim começamos por lhe perguntar:

— *Que significado atribui ao seu úutimo livro de poemas «Epístolas aos Iamitas»?*

— Um significado que não foge a uma tendência da minha poesia a qual traduz no plano épico numa comunhão com o destino de um povo.

— *Neste livro que se refere a um tempo bem definido, a um determinado tempo português, perpassa um angustiante sentimento de revolta. Porquê tal sentimento?*

— Porque como poeta e como patriota não pude furtar-me a registar o desencanto em que se esboroou a esperança numa revolução que foi prevertida pelos novos opressores do período Gonçalvista. Mas faço-lhe notar que essa revolta constitui apenas um capítulo do meu livro. A este sucede-se a reabilitação da pátria que emerge das trevas tecidas pelos seus inimigos disfarçados de apóstolos progressistas.

— *Tendo sido Natália Correia no passado uma voz de resistência ao «status quo» de então, como justifica o tom acusatório, espécie de libelo deste tempo presente tão oposto àquele outro?*

— Há uma total coerência entre o libelo de hoje e o de ontem. Porque o de hoje dirige-se contra um projecto totalitário — felizmente gorado... até ver — que só difere do anterior na nomenclatura. Tal como então tivemos censura, perseguição, prisões, torturas, em suma o uso arbitrário do poder. A mudança de nome de repressão não convence aqueles que, como eu, rejeitam qualcor de que se revista o opressor.

— *Encontrando-se através destes poemas de circunstância, uma certa frustação perante a realidade portuguesa pós 25 de Abril, tão bem simbolizada na haste quebrada do cravo vermelho da capa do livro, quererão os seus versos ser um grito de alerta contra os inimigos da liberdade e um canto ainda de esperança?*

— O meu livro é de facto nas suas diversas cambiantes que descrevem os socalcos do período revolucionário, esse grito de alerta e também um canto ainda de esperança. Nesta última intenção circunscrita ao ciclo final *urna aurea* patenteia-se a crença em que na descida aos infernos se conquista o mérito de regressar à luz com uma sabedoria exemplar que iluminará o Ocidente. Não terá sido, portanto, em vão o sacrifício.

— *Acha então que a Poesia pode ter uma função social e é de opinião que será esta a sua principal característica, ou é antes um simples exercício de linguagem, um «objecto verbal»?*

— Impossível, dissociar a função social da poesia dos seus atributos linguísticos. A língua e a sociedade são indiscerníveis, já que esta é o integrador essencial da comunidade. Temos assistido nestes tempos de depredação social a um concomitante rebaixamento de língua. Dignificá-la na super-estrutura da escrita poética pressupõe o objectivo de enaltecer os homens que a falam.

— *Um crítico chamou ao seu poema: «um espanto dramático e lírico». Gostaria que comentasse tal afirmação.*

— O binómio tem razão de ser já que a dramaticidade do meu poema decorre do embate da objectividade de uma situação com a subjectividade do poeta que é a propriedade lírica do poema.

— *Para terminar, a pergunta da praxe: Projectos para futuro, como poeta, prosadora e grande jornalista de combate.*

Como escritora fui forçada, infelizmente a interromper uma actividade que não é possível sem uma entrega total do espírito. Não consegui ser bastante *egoísta* para não ser afectada por problemas que a todos diziam respeito. E daí ter passado a intervir na imprensa. Fi-lo por razões desta ordem *tive* de me colocar no campo da política. Mas só por isso. Eis porque rejeito a designação de jornalista. E por essa razão sinto que chegou a altura de regressar aos projectos literários que deixei em meio.

BIBLIOGRAFIA

Natália Correia — nasceu na Ilha de S. Miguel-Açores em 1923. Escreveu: Rio de Núvens — 1947; Poesia — 1955; Dimensão Encontrada — 1957; O Progresso de Édipo (poema dramático) — 1957; Passaporte — 1958; Comunicação — 1959; Cântico do País Imerso — 1961; O Homúnculo (teatro) — 1964; O Vinho e a Lira — 1967; Mátria — 1968; O Encoberto (teatro) — 1969; As Maçãs de Orestes — 1970; O Anjo do Ocidente à Entrada do Ferro — 1973; Poemas a Rebate — 1975 e Epístola aos Iamitas — 1976.

Tem ainda colaboração dispersa nas seguintes publicações: Europa, Diário de Notícias, Diário Ilustrado, Diário de Lisboa e o Sol. Dirigiu e organizou as Antologias da Poesia Erótica e Satírica e o Surrealismo na Poesia Portuguesa. Até há pouco foi directora da revista «Vida Mundial», que deixou para ocupar presentemente um lugar na Secretaria da Cultura.

TATUAGEM

Na simetria do traço
que o fogo da cinza
gravou no negro
do teu rosto,
tens Apitikia,
o equilíbrio
das forças telúricas
do meu Sonho!

OS LIVROS E OS HOMENS

(Notas de Leitura)

Por F. AZEVEDO BRANDÃO

«SOBRE VIVENTES» de David Mourão-Ferreira

Ao acabarmos a leitura destas admiráveis páginas ensaísticas que David Mourão-Ferreira escreveu sobre textos de autores nacionais e estrangeiros, não pudemos deixar de lembrar aquelas palavras de justa apreciação que o crítico Óscar Lopes escreveu há quinze anos no Comércio do Porto a quando da publicação doutro livro de ensaios do mesmo autor — «Motim Literário». Pois dizia Óscar Lopes a determinada altura da sua crítica: *«David Mourão-Ferreira expõe com uma comunicativa elegância, brandindo em geral um símbolo-chave, uma citação oportuna e palpitante com que, sorrindo, cortêsmente e de cachimbo, nos abre por fim esta ou aquela porta de acesso à técnica literária».*[1]

Palavras estas escritas há perto de dúzia e meia de anos, vieram a ser confirmadas anos depois com a publicação do «Hospital das Letras», não deixando hoje, mais do que nunca, de serem justas e acertadas.

David Mourão-Ferreira neste seu novo livro a que deu o título de «Sobre Viventes»[2], vem, efectivamente, confirmar o seu excelente talento de crítico arguto e sensível que tem o poder de levar o leitor a penetrar no âmago dos textos e ensiná-lo, a ler neles o autor e a prescrutar a sua obra.

Senhor de um estilo simples e acessível, tal é a corrente cristalina da sua escrita, David Mourão-Ferreira aliando a plasticidade do seu estilo à argúcia da sua crítica, dá-nos nestas páginas de interpretação literária, facetas multímodas dos seus criticados, seja através de um poema de Miguel Angelo ou de um Eugénio de Castro, seja através de uma página de um romance de Colette ou um texto dramático de Montherlant, seja ainda um ensaio de crítica literária de um António Sérgio ou um texto narrativo de Thomas Man. Em todos eles, o bisturi da sua análise entra bem fundo na sua raíz para dar ao leitor mais desprevenido todas as suas potencialidades que o seu espírito rico e fecundo sabe extrair e mostrá-las no seu pormenor estético e humano.

De uma lucidez e espírito crítico de alto cotutno, David Mourão-Ferreira disseca, neste seu livro, com rara subtileza, o sentido profundo de cada texto que apresenta e estuda.

Se em «Motim Literário» e «Hospital das Letras» nos tinha dado já o vigor da sua inteligência crítica, em «Sobre Viventes», a sua arte ensaística, mais madura e profunda veio confirmar um dos maiores valores da cultura do nosso tempo.

E poderá o autor considerar-se satisfeito e realizado com a sua obra, uma vez que no *antelóquio* que escreveu para o seu livro «Hospital das Letras» a respeito da sua actividade de crítico literário, confessa: *«Será porém «dispersão» que não lamento, visto que me tem proporcionado algumas inestimáveis alegrias. Esta, sobretudo: a de ouvir dizer, de quando em quando, a A ou B, a X ou Y, que por meu intermédio teve acesso, em determinada altura, à melhor apreciação de uma determinada obra. E pouco importa averiguar nessas ocasiões, se afinal se trata de um antigo aluno, de um leitor atento ou de um ouvinte ocasional: em qualquer dos casos, a alegria é exactamenae a mesma; e em qualquer dos casos ela se confunde — perdoem-me o lugar-comum — com a intermitente consciência do dever cumprido».*

(1) in O Comércio do Porto, de 13-6-1961.
(2) «Sobre Viventes», de David Mourão-Ferreira — Publicações D. Quixote, Lisboa, 1976.

SEMANARIO

PORTE PAGO

Comissão de Turismo

ESPINHO